

**DESENVOLVIMENTO DE FERRAMENTAS DO PROCESSO EDUCACIONAL NO
ESTUDO DA HISTÓRIA: CASO “A INFLUÊNCIA DA MIDIATIZAÇÃO NA
FORMAÇÃO DA MEMÓRIA HISTÓRICA ENTRE ALUNOS QUE VISITARAM
EXPOSIÇÕES DEDICADAS À SEGUNDA GUERRA MUNDIAL”**

***DESARROLLO DE HERRAMIENTAS EDUCATIVAS EN EL ESTUDIO DE LA
HISTORIA: CASO “LA INFLUENCIA DE LA MEDIATIZACIÓN EN LA FORMACIÓN
DE LA MEMORIA HISTÓRICA EN ESTUDIANTES QUE VISITARON
EXPOSICIONES DEDICADAS A LA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL”***

***DEVELOPMENT OF EDUCATIONAL PROCESS TOOLS IN THE STUDY OF
HISTORY: CASE “THE INFLUENCE OF MEDIATIZATION ON THE FORMATION
OF HISTORICAL MEMORY AMONG STUDENTS WHO VISITED EXHIBITIONS
DEDICATED TO THE SECOND WORLD WAR”***



Viktor Sidorov¹
e-mail: v.sidorov@mymail.academy

Como referenciar este artigo:

SIDOROV, Viktor. Desenvolvimento de ferramentas do processo educacional no estudo da história: caso “a influência da mediatização na formação da memória histórica entre alunos que visitaram exposições dedicadas à Segunda Guerra Mundial”. **Nuances: Estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 36, n. 00, e025013, 2025. e-ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v36i00.11277



| **Submetido:** 15/09/2025
| **Revisões requeridas:** 22/10/2025
| **Aprovado:** 29/11/2025
| **Publicado:** 05/12/2025

Editora: Prof. Dr. Rosiane de Fátima Ponce

¹ Universidade Estatal de São Petersburgo – São Petersburgo – Rússia. Doutor em Filosofia, Professor do Departamento de Teoria do Jornalismo e Comunicação de Massa.

RESUMO: Este estudo investiga como as representações mediáticas da história influenciam a memória histórica dos estudantes no contexto educacional. A pesquisa baseia-se na visita de alunos à exposição Cidade Heróica Leningrado, em São Petersburgo, utilizando grupos focais, análise de intenção e análise de conteúdo. Os resultados mostram que a exposição despertou envolvimento emocional e reflexão crítica sobre a influência dos meios de comunicação na compreensão do passado. Três eixos principais emergiram: percepção espaço-temporal da memória, papel dos canais midiáticos e releitura dos eventos históricos. Conclui-se que experiências educativas mediadas fortalecem o pensamento histórico e a formação da identidade dos estudantes.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Topos do espaço-tempo midiático. Lócus do espaço-tempo midiático. Valores. Memória midiática.

RESUMEN: *Este estudio analiza cómo las representaciones mediáticas de la historia influyen en la memoria histórica de los estudiantes en contextos educativos. Basado en una visita estudiantil a la exposición Ciudad Héroe Leningrado en San Petersburgo, se utilizaron grupos focales, análisis de intención y análisis de contenido. Los resultados muestran que la exposición generó una fuerte implicación emocional y reflexión crítica sobre el papel de los medios en la comprensión histórica. Se identificaron tres temas clave: percepción espacio-temporal de la memoria, canales mediáticos y reinterpretaciones del pasado. La experiencia educativa mediada fortaleció el pensamiento histórico y la identidad estudiantil.*

PALABRAS CLAVE: *Medios de comunicación. Topos del espacio-tiempo mediático. Locus del espacio-tiempo mediático. Valores. Memoria mediática.*

ABSTRACT: *This study investigates how mediated representations of history influence students' historical memory in educational settings. Based on students' visit to the exhibition Hero City Leningrad in Saint Petersburg, the research used focus groups, intent analysis, and content analysis of written reflections. Findings show that the exhibition fostered emotional engagement and prompted students to critically reflect on how media shape historical understanding. Three main themes emerged: spatial-temporal perceptions of memory, the role of media channels, and reinterpretations of the past in light of current values. The study concludes that mediated educational experiences can strengthen historical thinking and identity formation among students.*

KEYWORDS: *Media. Topos of Media Space-Time. Locus of Media Space-Time. Values. Media Memory.*

Introdução

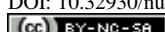
O fluxo do tempo em direção ao futuro e o deslocamento dos acontecimentos para o passado constituem um processo objetivo que ocorre no espaço, compreendido como uma forma fundamental da existência material. Nesse contexto, estabelecem-se distinções entre os espaços da natureza viva e não viva, bem como o domínio da cognição humana, denominado noosfera. Este último, como objeto de estudo, adquire relevância particular no âmbito social, por refletir a interdependência entre as estruturas societais e a biosfera e o cosmos.

No campo das relações internacionais e da ciência política, essas dinâmicas espaço-temporais tornam-se especialmente evidentes para compreender a evolução do espaço midiático como um domínio no qual “os eventos são caracterizados por sua posição no espaço-tempo”. Os eventos nesse domínio possuem um caráter dual: ocorrem no plano físico (“primeira natureza”) e, simultaneamente, são mediados e reinterpretados nos construtos da “segunda natureza”. Essa interação é determinante para a configuração do discurso público e da memória coletiva, sobretudo na era digital, em que, como afirma Žižek (2014, p. 233), a “segunda natureza” compensa a erosão das experiências diretas e não mediadas da “primeira natureza”.

O espaço midiático, como forma específica de espaço social, opera na interseção entre o direito, os fenômenos políticos e as relações internacionais, funcionando como plataforma de negociação da verdade e da identidade coletiva (Nikolaychuk *et al.*, 2020). A “percepção do espaço midiático como um repositório de eventos contraditórios” favorece a humanização do contínuo espaço-temporal e possibilita examinar criticamente como narrativas históricas e políticas são construídas, contestadas e transformadas ao longo do tempo (Zhigalova; Iskhakov, 2017, p. 11, tradução nossa).

Com o tempo, emerge um espaço social da razão, que engloba passado e presente. A existência socialmente condicionada manifesta-se em dois aspectos: o espaço do tempo e o tempo do espaço. O tempo dos processos naturais inclui o tempo social — uma dimensão que expressa a variabilidade humana — e seu componente particular: o tempo midiático, entendido como o espaço da interação humana na atribuição de sentidos ao passado, ao presente e ao futuro. Destaca-se que “na era digital, as percepções do tempo estão mudando, assim como a própria disciplina da história, que se transformou em história digital” (Artamonov, 2021, p. 126, tradução nossa).

A memória constitui atributo inerente à cognição humana e fundamenta identidades individuais e coletivas. Ankersmit (2007, p. 23-29) revisita e propõe uma nova compreensão da memória, denominando-a “experiência histórica”. Isso implica que somente a experiência de



eventos reais assegura um futuro. Assim, a memória histórica abrange e articula conjuntos e fragmentos da vida pretérita, projetando-se para o porvir. No âmbito da memória cultural, esse processo inclui, de forma intrínseca, uma dimensão topológica, que expressa tanto a estrutura das recordações quanto a organização espacial da própria memória (Artamoshkina, 2013, p. 174).

A ciência tem início com o estabelecimento de conceitos que definem semelhanças e diferenças, funcionando como categorias fundamentais do pensamento analítico. Esse princípio se manifesta de modo particular no domínio estruturalmente unificado do espaço semântico topológico. A matemática desempenha papel central no avanço da compreensão da topologia, definida como “o estudo das relações modais entre formações espaciais, incluindo princípios que regem as conexões, arranjos e sequências de pontos, linhas, superfícies e corpos ou seus aglomerados no espaço, independentemente de métricas como escala e magnitude” (Uspensky, 2012, p. 226, tradução nossa). No presente contexto, as conexões e os arranjos de entidades são representados por fenômenos ou eventos do passado e pelas reflexões contemporâneas sobre eles. Esse conjunto constitui o espaço da memória histórica, cuja topologia é formada pelo espaço-tempo midiático.

A capacidade da sociedade de reter memória é inherentemente limitada, acompanhada de atenuações, rupturas de foco, ilusões e distorções espaço-temporais. A memória histórica, em particular, está intrinsecamente vinculada ao fenômeno do esquecimento. Como observado, “o esquecimento, que funciona como contraparte integral da lembrança, pode tornar-se tão profundo que as representações são relegadas ao inconsciente” (Artamoshkina, 2013, p. 175, tradução nossa). Contudo, o esquecimento não é um conceito unidimensional. Primeiro, pode funcionar como antítese da memória. Segundo, pode ser compreendido como seu aspecto complementar. Terceiro, pode manifestar-se como tentativa ativa de “apagar” o passado. Embora essas perspectivas geralmente carreguem conotações negativas, uma interpretação alternativa sustenta que o esquecimento não deve ser visto como inimigo da memória. Ao contrário, a memória só pode operar de forma eficaz em equilíbrio com o esquecimento (Kostina, 2011, p. 65). Todavia, esse equilíbrio pode ser rompido por intencionalidades subjetivas, levando ao uso seletivo de fragmentos do passado que não “contradigam” os sentidos do presente.

Com o surgimento do espaço digital, intensificou-se a dispersão dos centros de atualização da memória histórica, culminando em “guerras memoriais [...] que utilizam interpretações históricas como meio de identificar ‘nós’ e ‘eles’” (Bubnov; Saveleva, 2022, p.



84). Os meios de comunicação preservam eventos e fatos na memória e, assim, cumprem a função de uma “tradição comunicativa” (Plato, 2000, p. 7, tradução nossa). Essa perspectiva converge com a conclusão de Dijck (2007) de que mídia e memória transformam-se mutuamente, com sua interação sustentada pela cultura. Desse modo, a ideia de Erll (2010, p. 389, tradução nossa) de que “a comunicação mediada pela mídia molda a cultura, convertendo-a em cultura midiática e digital, ao mesmo tempo em que continua a gerar representações do passado”, bem como a definição de Repina (2011, p. 414, tradução nossa) de memória histórica como “uma dimensão da memória individual e coletiva — a memória do passado histórico ou, mais precisamente, sua representação simbólica”, fundamentam esta pesquisa.

O objetivo central deste estudo é identificar as características espaciais e temporais da expressão midiática da memória histórica. Para isso, analisamos o *topos* e o *locus* do espaço-tempo midiático, constituído pelos sujeitos de percepção e avaliação dos fatos pretéritos, situados em lados opostos do processo, em sua correlação com o presente. Assim, o foco recai sobre o “espaço de diálogo entre memórias históricas de participantes iguais e autossuficientes [...] interações entre atores e seus resultados, e, portanto, os eventos e suas representações registradas na memória coletiva e cultural. A interpretação dos eventos baseia-se na correlação entre o conteúdo intrínseco dos acontecimentos e os contextos históricos amplamente compreendidos, tanto sincrônicos (em diversos níveis) quanto estendidos no tempo” (Repina, 2020, p. 39).

Assim, o propósito deste estudo foi examinar como as representações midiáticas moldam a memória histórica por meio de dimensões espaço-temporais.

Métodos de pesquisa

Para alcançar o objetivo do estudo, foi aplicado uma abordagem qualitativa de métodos mistos, voltada a captar tanto a estrutura da memória moldada pela mídia quanto as experiências subjetivas de sua percepção.

Considerando que os participantes eram estudantes universitários que visitaram uma exposição histórica curada e interagiram com conteúdos narrativos mediados, a combinação de técnicas de grupo focal, análise de intenções e análise de conteúdo tradicional mostrou-se a mais adequada, sendo sugerida pelo próprio desenho da pesquisa. A experiência dos participantes não foi apenas observacional; envolveu dimensões emocionais, reflexivas e interpretativas provocadas pela narrativa estruturada da exposição. Esse contexto demandou



flexibilidade metodológica para registrar reações subjetivas e processos de atribuição de sentidos.

O fenômeno da memória/esquecimento foi examinado por meio das percepções de um grupo de respondentes que participaram de um evento significativo, no qual interpretações do passado se cruzaram com suas representações mediadas. O evento selecionado foi a exposição *Hero City Leningrad* (2024), realizada no Manege Central de São Petersburgo. O projeto foi organizado pelo Comitê de Cultura de São Petersburgo, pelo Centro de Exposições “Manege”, pelo Teatro Nacional de Drama Alexandrinsky da Rússia e pelo Centro Estatal de Museus e Exposições ROSIZO. A exposição, que combina gêneros tradicionais de exibição com um audioteatro em formato de leituras dramatizadas, narra a preservação do patrimônio histórico durante o cerco de Leningrado, com foco na atuação de indústrias e instituições culturais. Simultaneamente, constitui uma exploração artística sobre como e por que os moradores de Leningrado resistiram e sobreviveram. As opiniões escritas por estudantes da Escola Superior de Impressão e Tecnologias de Mídia da SPbSUTD serviram de material de análise, sendo a exposição o ponto de partida das discussões. O autor agradece a R. G. Ivanyan, professora associada na mesma instituição, pela participação ativa na organização do experimento sociológico.

O questionário escrito funcionou como etapa conclusiva de um grupo focal conduzido em formato específico. Como destaca Popova (2011, p. 129, tradução nossa), “o maior efeito é alcançado quando se discutem problemas compactos ou situações de estímulo”. Nesse caso, o próprio projeto expositivo do Manege serviu como estímulo, com um guia de áudio artístico narrando eventos do passado pela perspectiva de moradores que viveram o bloqueio, dirigindo-se metaforicamente ao público atual. Outro elemento foi o aviso prévio da pesquisadora sobre os objetivos e especificidades do estudo, que forneceu uma moldura conceitual para orientar as reflexões. Atenção especial foi dada ao ponto: “Mais de 80 anos depois, o mesmo evento é percebido de modo diferente; o tempo remodela a memória, apagando ou substituindo realidades passadas por releituras vívidas”.

Ao todo, 27 participantes compuseram a amostra. Entre eles, 8 — cerca de um terço — eram nativos de São Petersburgo, fator relevante considerando o foco histórico da exposição. A amostra incluiu 7 homens e 20 mulheres, refletindo predominância feminina. Essa diversidade permitiu explorar múltiplas formas pelas quais jovens adultos, em contexto educacional contemporâneo, recebem e internalizam representações mediadas da memória histórica. Em até 24 horas após a visita, os participantes enviaram suas impressões escritas. O



resultado dessa discussão assíncrona — uma “normalização grupal, na qual posições inicialmente heterogêneas são suavizadas” (Popova, 2011, p. 131, tradução nossa) — foi complementado pelas primeiras análises acadêmicas dos estudantes da SPbSUTD sobre as intenções da memória cultural.

A partir das reflexões dos respondentes, emocionais e racionais, a pesquisa identificou tendências sobre o funcionamento da memória histórica como percepção do passado ancorada em valores individuais.

Results

Os resultados obtidos demonstram confiabilidade adequada e, após análise de conteúdo das declarações dos respondentes, permitiram identificar achados centrais em duas dimensões. Primeiro, os materiais do grupo focal oferecem dados sobre a topologia do espaço-tempo midiático. Os dados contribuem para analisar a memória histórica no discurso da sociedade midiática digital. Os julgamentos dos participantes revelam significados agrupados, pois suas declarações não se reduzem a uma única ideia. Cada participante abordou múltiplos aspectos do que observou, manifestando opiniões que abrangem todo o escopo do estudo. Ainda assim, as principais direções de raciocínio foram organizadas em três categorias:

A: significados relacionados à análise do *locus* e *topos* do espaço-tempo midiático (14 declarações relevantes);

B: avaliações sobre canais e métodos de transmissão da memória histórica (23 declarações relevantes);

C: conclusões sobre a essência da memória histórica e sua transformação diante das demandas sociais de formação da identidade individual e coletiva (28 declarações relevantes).

Toda exposição orienta, por natureza, o olhar do público; nesse sentido, o projeto *Hero City Leningrad* não constitui exceção. Utilizado como material de estímulo, o projeto induz cada visitante a perceber a mostra como um espaço singularizado de tempo histórico. Os respondentes a descreveram como “neste espaço, cada história é uma parte de um grande mosaico” (D. Andreeva), “uma janela para o passado” (K. Kasumova) e “sinto como se estivesse ali, nos acontecimentos” (I. Sorochanskaya). A natureza dinâmica da memória

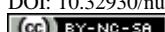


histórica também foi destacada, com uma participante afirmando que “a memória não é estática; ela está sujeita a novas interpretações” (V. Vorontsova), apontando para a presença de agentes que moldam essa memória. Outro respondente comparou a memória histórica a uma ponte construída a partir das necessidades sociais, descrevendo-a como “uma ponte frágil entre gerações. Eventos grandiosos e significativos não desaparecem sem deixar rastro” (E. Gorovaya).

Dessa forma, o *topos* do espaço-tempo organizado pelos meios de comunicação evidencia a convergência entre passado e presente. Uma das participantes afirmou: “Eu não fui apenas uma observadora; senti-me unida aos sobreviventes do cerco” (S. Bartova), enquanto outra observou: “A exposição não é apenas um conjunto de artefatos históricos, mas um espaço de memória” (I. Sorochanskaya). A imersão no *locus* da história também pode provocar reflexões moldadas pela ambivalência ideológica da sociedade midiática contemporânea. Por exemplo, uma respondente questionou: “Até que ponto as autoridades acrescentam deliberadamente veneno ideológico à narrativa histórica? A exposição no Manege é apenas uma versão higienizada da tragédia, livre das pulgas da corrupção e da baixeza humana” (V. Gorovaya). A análise dessas avaliações revela múltiplos níveis de percepção.

Em primeiro lugar, os visitantes se aproximam da exposição já munidos de expectativas sobre como irão interpretá-la. Essa predisposição pode ser avaliada de forma positiva ou negativa. No caso positivo, o visitante está mentalmente preparado para se envolver com o espaço histórico, quase incorporando-o à própria experiência de vida: “Não consegui atravessar a exposição sem chorar. É como se você tivesse nascido naqueles anos” (S. Bartova). No caso negativo, o conteúdo apresentado é rejeitado: “É sabido que, durante o cerco, as elites se banqueteavam enquanto os pobres de Leningrado comiam seus próprios filhos” (V. Gorovaya). Essa respondente percebe a exposição como uma distorção deliberada do passado, e sua memória histórica não se alinha à de outros visitantes: “Eles apresentam esse horror apenas como heroísmo, mas também deveríamos reconhecer como o pesadelo desumanizou as pessoas” (D. Balashova).

Outro conjunto de respostas evidencia questões relacionadas aos canais midiáticos como vetores de difusão da informação histórica, os quais moldam o *topos* do espaço-tempo da memória histórica. Também foram identificados juízos de valor e manifestações de engajamento emocional, sendo que a avaliação afetiva — parte constitutiva da percepção global — foi particularmente forte em um terço dos respondentes, sem que isso implique ausência de envolvimento emocional nos demais.

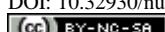


Importa destacar que uma participante contemporânea entende que “a mídia moderna é uma vasta plataforma para moldar a ideia de patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, distorcer a verdade histórica” (Z. Baghramyan). Essa observação suscita questões como: “Será que tudo ocorreu de fato como mostrado em filmes, exposições e livros?” (S. Butorina), já que “os traços do passado podem ser substituídos por imagens embelezadas” (I. Berezovsky) e que “a história sempre foi e continuará sendo um material maleável para a construção de narrativas” (V. Golovnya). Ao mesmo tempo, muitos participantes defendem que “as tecnologias e meios de comunicação modernos preservam a memória histórica de forma confiável. A internet, os arquivos digitais e os museus tornam acessíveis grandes volumes de informações sobre o passado e conservam o patrimônio histórico” (V. Shapovalova).

A questão da objetividade e autenticidade da memória histórica teve forte repercussão, sendo abordada explicitamente por 19 dos 27 participantes e, de forma indireta, por praticamente todos. Uma respondente observou que “com o tempo, as imagens se apagam e são substituídas por outras, muitas vezes distantes do original. Se olharmos bem, os contornos de algumas imagens parecem traços borrados — há uma reavaliação dos artefatos da memória, e os eventos históricos perdem seu significado real” (Z. Baghramyan). Outra participante contrapôs: “Não senti isso... exposições como esta, ao concentrar nossa atenção em determinados momentos do passado, ajudam a carregar a memória em nossos corações” (S. Bartova).

Alguns participantes afirmaram que “a memória histórica está sendo reinterpretada” (O. Bezverkhnya), enquanto outros ressaltaram que “sob condições mutáveis, a precisão e os valores do passado podem se perder ou ser reavaliados” (V. Vorontsova), embora enfatizassem que “reinterpretar a memória histórica deve ser considerado um equívoco” (V. Golovnya). A distorção deliberada do passado, como a apresentação de uma “imagem falsa”, foi categoricamente rejeitada por alguns, incluindo quem afirmou que “esta exposição não distorce a memória; ela mostra a vida das pessoas, suas dificuldades, não apenas feitos heroicos” (K. Kasumova).

Alguns respondentes evitaram avaliar a possível distorção e, em vez disso, analisaram o processo em si. Uma delas afirmou que “a memória histórica não é distorcida; ela é enquadrada dentro de limites específicos pelos quais o ouvinte ou espectador deve ver apenas o que o autor deseja. Esse é o efeito de enquadramento” (A. Devyatina). Essa interpretação dialoga com a ideia de José Ortega y Gasset (1994, p. 149) sobre a moldura de um quadro —



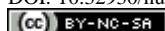
ou, por extensão, de qualquer peça museológica — como “uma janela para o irreal, maravilhosamente recortada na realidade circundante”.

Essa diferenciação sugere que a memória histórica pode ser classificada em três tipos. O primeiro é a memória pessoal, que os respondentes não poderiam possuir no contexto do cerco de Leningrado, e cujos portadores se tornam cada vez mais raros. O segundo é a memória histórica transmitida por canais de comunicação midiática, como livros, filmes, relatos de testemunhas, exposições, jornais e redes sociais. O terceiro tipo é a memória histórica elaborada por ideólogos, expressando demandas sociopolíticas contemporâneas. Esse terceiro tipo, forma de memória histórica midiatizada, é instável, pois os contextos sociopolíticos são mais voláteis do que os valores culturais profundamente enraizados na sociedade.

Essa classificação, contudo, não esgota a compreensão da natureza mediada do *topos* da memória histórica, uma vez que os meios de comunicação integram tanto o espaço histórico quanto o tempo vivido nele, percebido psicologicamente como tempo midiático. Isso evidencia as intenções comunicativas da experiência social, permitindo incorporar ao estudo elementos da análise da intenção, como o mapeamento das intenções e suas características. Ao mesmo tempo, é importante notar que o *topos* do tempo midiático na memória histórica apresenta complexidade elevada, caracterizada pela natureza estratificada de seu engajamento.

Para ampliar o material obtido no grupo focal, o estudo incorpora um exemplo derivado de uma análise anterior do tempo midiático na memória histórica. Especificamente, faz referência ao projeto de pesquisa estudantil de 2022 intitulado *Retradução da Memória Cultural do Passado Pré-Revolucionário com Base em Materiais de Illustrated Russia*, de V. Yudin. Esse trabalho evidencia a estrutura estratificada do *topos* do tempo midiático ao examinar dois *loci* da memória histórica. A revista analisada era publicada em Paris, escrita e lida por emigrados russos que deixaram o país após a revolução e a guerra civil.

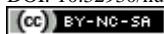
“A característica definidora daquele período histórico”, escreve o autor, “era o processo de rememoração e posterior reflexão sobre o passado”. A revista incluía uma seção intitulada *Velha Rússia*, impregnada de nostalgia por um país perdido. “Longos anos de errância, as ondas coloridas e sombrias dos dias de refugiado empurraram as páginas vívidas do passado para uma distância infinita”, afirma a legenda de fotografias da São Petersburgo pré-revolucionária. Esses emigrantes procuravam agarrar-se às memórias fugidas de suas vidas anteriores, transmitir às novas gerações os valores de suas raízes ancestrais e, em última instância, sonhavam com o retorno ao Império Russo que lhes era familiar.



Discussão

Em *Illustrated Russia*, fotografias de publicações pré-revolucionárias foram reproduzidas, reafirmando “a capacidade do *topos* de funcionar como um mecanismo de preservação e retransmissão da memória cultural”, uma qualidade “determinada por sua estrutura” (Bogdevich, 2019, p. 12). A observação dessa pesquisadora permite identificar vestígios de diferentes períodos da história da revista, bem como o *topos* das origens do evento midiático. Esse engajamento com artefatos midiáticos de distintas épocas orienta a presente análise a diferenciar a noção de tempo entre “passado” e “passado remoto”, delimitando, em cada um deles:

1. O tempo da primeira rememoração, isto é, a memória das origens do artefato midiático da memória histórica. Para autores e leitores de *Illustrated Russia*, trata-se do passado — de natureza social, não individual — evocado por meio do ambiente midiático dos anos pré-revolucionários. Para o pesquisador do século XXI, esse passado desloca-se para o passado remoto, marcando o início da existência do artefato midiático;
2. O passado marcado pela integração do *topos* do passado remoto ao ambiente midiático de uma comunidade local. Nas décadas de 1920–1930, tal comunidade era composta pelos emigrados russos brancos em Paris, Praga, Belgrado e outras capitais europeias. Essa comunidade possuía marcadores não apenas sociais, mas também temporais, já que sua duração — e, portanto, seu conteúdo midiático — era claramente localizada;
3. O tempo da formação da memória histórica. Os valores inerentes às origens do artefato midiático são revelados na interpretação dos juízos de valor e sentimentos de pessoas que perderam sua pátria. Naturalmente, o código cultural de uma sociedade evolui ao longo do tempo, conduzindo a uma reinterpretação dos valores do passado: o passado remoto das publicações pré-revolucionárias é enriquecido pelas experiências dos períodos posteriores da história russa. Assim, essa representação do passado aprofundou a compreensão do *topos* da mídia e do tempo sob estudo. Contudo, essa complexidade não se esgota aí. As realidades sociopolíticas do século XXI renovaram o interesse tanto pelas origens do evento midiático (a Rússia pré-revolucionária) quanto por sua continuidade 10–20 anos depois (a experiência dos emigrados russos nas capitais europeias). Trata-se da fase de consolidação de eventos midiáticos do passado e do passado remoto na memória cultural da sociedade, alinhando-se integralmente à ideia



filosófica de que “o *topos* pode ser considerado um espaço de acumulação de significados” (Plato, 2000, p. 17, tradução nossa).

Na virada do século XX para o XXI, a abordagem da memória histórica sofreu transformações profundas. No espaço midiático, antigas fronteiras foram apagadas e novas surgiram, moldadas pelos desdobramentos da revolução informacional. Nesse período, “gadgets digitais se disseminaram por meio das tecnologias modernas sem qualquer limite, formando as mais novas, inesperadas e complexas alianças espaço-temporais e organizacional-comunicativas” (Remizov, 2017, p. 40, tradução nossa). Esse processo resultou em uma midiatização total do passado e do presente. Filósofos observam que “a mídia influencia de modo significativo o conhecimento histórico, alterando a realidade da história e tornando-a altamente orientada pela subjetividade” (Artamonov; Tikhonova, 2020, p. 359, tradução nossa). Também destacam que, em nossa época, “a memória deslocou-se do âmbito pessoal e cultural para a esfera midiática, dando origem ao que pode ser chamado de memória midiática” (Artamonov; Tikhonova, 2019, p. 46, tradução nossa).

Sob o impacto da tecnologização, intensificou-se a variabilidade dos processos socioculturais — inclusive no ambiente midiático. Essa variabilidade adquiriu uma forma singular, sintetizada por Zygmunt Bauman (2008) no conceito de “modernidade líquida”. Com base nessa ideia, Jansson (2007, p. 191, tradução nossa) esclarece:

teorias anteriores da informação e comunicação de massa eram produtos da “sociedade de massa” e pressupunham limites claros entre produtores e públicos das mensagens midiáticas, entre texto e contexto, e assim por diante. No entanto, na era da “modernidade líquida” (Bauman, 2008), emergiu uma moldura de “desfoque” e “incerteza” espacial.

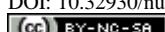
Esse contexto tornou ainda mais relevante o estudo das propriedades do espaço informacional e do tempo midiático. O conceito de espaço midiático envolve uma dialética entre externo e interno, presença e ausência, pertencimento e alienação, “sistema” e ator, liberdade e dominação (Nim, 2013). O *topos* do espaço-tempo da memória histórica não se apresenta como um tecido contínuo, mas como formações locais distintas. Para os jovens visitantes da exposição Cidade Heroica Leningrado, a localização do passado levou a um distanciamento dos processos históricos mais amplos, influenciando a profundidade de suas avaliações. Entretanto, a simples focalização da atenção em um passado específico não



constitui, por si só, o lócus do espaço-tempo midiático da memória histórica. A criação desse lócus exige a integração de múltiplas condições e esforços.

Em primeiro lugar, destaca-se o papel dos criadores da exposição. Seu empenho, conhecimento e experiência construíram o espaço-tempo localizado do passado. A condição para o surgimento desse lócus foi a interpretação, pelos historiadores, das demandas sociais — expressas em uma atenção pública articulada à história do cerco de Leningrado — combinadas com interesses políticos refletidos na ideologia estatal. Esses fatores são necessários, embora não suficientes, para formar um lócus histórico. Um elemento essencial é o interesse do público. Cada respondente de nossa pesquisa contribuiu para a formação do lócus do espaço-tempo midiático da memória histórica. De certo modo, existem tantos lócus quanto visitantes da exposição. Esses lócus, criados situacionalmente, são dispersos e não se sobrepõem, mas estão indiscutivelmente conectados. Em outras palavras, há uma imagem integral do lócus para todos, mas sua tonalidade é infinitamente modulada pela percepção individual. Os visitantes não apenas acessam o lócus aqui constituído, mas também o modelam em conteúdo midiático por meio de suas reflexões.

Nessa formação dispersa, constrói-se uma linguagem comum a partir de conhecimentos compartilhados, ainda que fragmentados ou incompletos, buscando articulação na esfera pública no momento e no lugar adequados. Os espaços e tempos midiáticos são constituídos pelas práticas sociais. Em um cenário de máxima tecnologização da esfera informacional, marcada por ampla acessibilidade, as imagens midiáticas produzidas não são totalmente autênticas, mas, em certa medida, cópias que ressoam com a própria experiência original. Essa compreensão converge com a formulação segundo a qual a “imagem midiática é uma mensagem visual simbólica gerada no processo de comunicação entre atores sociais, contendo referências semânticas à memória cultural de uma comunidade específica e revelando as estruturas da consciência pública”. No que diz respeito à midiatização, alinhamos nossa análise à interpretação de S. Hjarvard, entendendo-a como o processo pelo qual a sociedade é representada por meio da mídia e dentro dela, resultando em uma dependência significativa da vida social em relação aos meios de comunicação e à sua lógica. No contexto deste estudo, a midiatização refere-se menos à representação de um objeto no espaço e no tempo social e mais à sua simbolização — à atribuição de uma imagem que influencia diretamente indivíduos e a sociedade como um todo. As imagens midiáticas consolidam-se em símbolos culturais que incorporam os valores dominantes da sociedade.



Conclusão

Este estudo demonstra que a memória histórica na sociedade contemporânea é moldada pela mídia tanto como repositório do passado quanto como produtora de significados. O tempo midiático integra o espaço e a temporalidade históricos, criando uma estrutura dinâmica por meio da qual indivíduos e sociedades se relacionam com o passado. A midiatização desempenha papel central ao transformar narrativas históricas em imagens simbólicas que refletem valores culturais e influenciam a percepção pública.

A análise evidencia que a memória histórica é formada por atores midiáticos — ideólogos, jornalistas e agentes culturais —, frequentemente em resposta à demanda social. No entanto, os indivíduos não são receptores passivos. Cada pessoa interage com o conteúdo histórico de maneira própria, constituindo um lócus de memória com relevância emocional e intelectual. Esse processo torna-se particularmente visível em ambientes educativos mediados, como exposições.

A memória histórica é fluida e dependente do contexto. Ela se transforma a partir da interação entre conteúdo midiático e interpretação individual, em consonância com o conceito de modernidade líquida. Como resultado, a memória configura-se como um espaço complexo, socialmente compartilhado, mas vivenciado individualmente. Sua formação envolve tanto práticas comunicacionais intencionais quanto reflexões espontâneas, consolidando-se como um componente central da identidade na era da mídia.



REFERÊNCIAS

- ANKERSMIT, F. R. **Vozvyshennyi istoricheskiy opyt** [Sublime historical experience]. Moscow: Evropa, 2007.
- ARTAMONOV, D. S. Vremya v tsifrovoy istorii [Time in digital history]. **Filosofiya. Psichologiya. Pedagogika**, v. 21, n. 2, p. 125-129, 2021.
- ARTAMONOV, D. S.; TIKHONOVA, S. V. Istoricheskaya epistemologiya v kontekste tsifrovogo poverota: mediapamyat' i setevye subyekty istoricheskogo znaniya [Historical epistemology in the digital turn: media memory and network subjects]. In: SHIPOVALOVA, L. V. (ed.). **Istoricheskaya epistemologiya**: istoriya, ontologiya, epistemologiya [Historical epistemology: history, ontology, epistemology]. St. Petersburg: Fond razvitiya konfliktologii, 2019. p. 41-46.
- ARTAMONOV, D. S.; TIKHONOVA, S. V. Mediatizatsiya istorii i problemy istoricheskogo obrazovaniya v tsifrovom mire [Mediatization of history and problems of historical education in the digital world]. In: ANDREEVA, Y.; RAKHIMBAEVA, I. E. (eds.). **Sovremennoye kul'turno-obrazovatel'noye prostranstvo gumanitarnykh i sotsial'nykh nauk** [Cultural and educational space of humanities and social sciences]. Saratov: Istochnik, 2020. p. 357-365.
- ARTAMOSHKINA, L. E. Topos, landscape, biography: kontsept kul'turnoy pamyati [Topos, landscape, biography: the concept of cultural memory]. **Vestnik Kostromskogo gosudarstvennogo universiteta im. N. A. Nekrasova**, v. 19, n. 2, p. 174-178, 2013.
- BAUMAN, Z. **Tekuchaya modernost'** [Liquid modernity]. St. Petersburg: Piter, 2008. 240 p.
- BOGDEVICH, E. Ch. Topos kak prostranstvo pamyati: struktura, semantika, mekhanizmy razvitiya [Topos as a space of memory: structure, semantics, mechanisms of development]. **Filologos**, v. 26, n. 2, p. 12-19, 2019.
- BUBNOV, A. Y.; SAVELEVA, M. A. Pamyat' o raspade SSSR v kontekste razlomov sovremennoego rossiyskogo obshchestvennogo soznaniya (analiz Telegram) [Memory of the USSR collapse in contemporary Russian societal fractures (Telegram-based analysis)]. **Politicheskie nauki**, n. 6, p. 79-97, 2022.
- DIJCK, J. **Mediated memories in the digital age**. Stanford: Stanford University Press, 2007.
- ERLL, A. **Literature, film, and the mediality of cultural memory**. Berlin: De Gruyter, 2008.
- EXHIBITION PROJECT: Hero City Leningrad. Dedicated to the 80th anniversary of the city's complete liberation from the Nazi blockade. **Manege**, 2024. Disponível em: <https://manege.spb.ru/events/vystavochnyj-proekt-gorod-geroj-leningrad/>. Acessado em: 26 jul. 2025.
- JANSSON, A. Texture: a key concept for communication geography. **European Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, p. 185-202, 2007.



KOSTINA, E. N. Pamyat', zabveniye, identichnost': dialektika yavleniy [Memory, oblivion, identity: dialectics of phenomena]. **Seriya Gumanitarnye nauki**, v. 153, n. 1, p. 60-65, 2011.

NIKOLAYCHUK, I. A.; YANGLYAEVA, M. M.; YAKOVA, T. S. **Upravleniye proshlym**: mass-media, mifotvorchestvo, identichnost' [Managing the past: mass media, myth-making, identity]. Moscow: IKAR, 2020.

NIM, E. G. Mediaprostor: osnovnyye napravleniya issledovaniya [Media space: main research directions]. **Biznes. Obshchestvo. Vlast'**, n. 14, p. 31–41, 2013.

ORTEGA Y GASSET, J. **Ocherki o Ispanii** [Essays on Spain]. Kiev: Novyy Krug; Port-Royal, 1994.

PLATO, A. von. Eyewitnesses and historical scholarship. **BIOS**: Journal for Biographical Research and Oral History, n. 1, p. 5-29, 2000.

POPOVA, O. V. **Politicheskiy analiz i prognozirovaniye** [Political analysis and forecasting]. Moscow: Aspekt Press, 2011. 464 p.

REMIZOV, V. A. Mediafilosofiya kak mekhanizm “abstraktnoy mashiny” i nositel’ kul’tury “novoy ratsional’nosti” [Media philosophy as a mechanism of the “abstraction machine” and carrier of the “new rationality” culture]. **Vestnik MGUKI**, v. 75, n. 1, p. 39-47, 2017.

REPINA, L. P. **Istoricheskaya nauka na rubezhe XX–XXI vekov**: sotsial’nye teorii i istoriograficheskaya praktika [Historical science at the turn of the 20th–21st centuries]. Moscow: Krug, 2011. 560 p.

REPINA, L. P. Pamyat’ sobtyiy v prostranstvenno-vremennykh izmereniyakh [Memory of events in space and time dimensions]. **Istoriya Mezhdunarodnye otnosheniya**, v. 20, n. 1, p. 34–40, 2020.

USPENSKY, V. A. **Apologiya matematiki**: sbornik statey [Apologia of mathematics: collected articles]. St. Petersburg: Amfora, 2012. 554 p.

ZHIGALOVA, M. M.; ISKHAKOV, R. L. Nochnaya zhurnalistika v mediasrede: osobennosti funktsionirovaniya [“Night” journalism in the media space: features of functioning]. **Problemy obrazovaniya, nauki i kul’tury**, v. 23, n. 2, p. 11-19, 2017.

ŽIŽEK, S. **The plague of fantasies**. Kharkov: Gumanitarnyy tsentr, 2014.



CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Agradeço à editoria pela revisão do artigo.
 - Financiamento:** Esta pesquisa foi financiada pela Russian Science Foundation, sob o Grant nº 24-28-00577.
 - Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.
 - Aprovação ética:** Não se aplica.
 - Disponibilidade de dados e material:** Disponível mediante solicitação.
 - Contribuições dos autores:** Contribuição de um único autor.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

